



Andreazza: o aval do governo a um projeto polêmico e misterioso  
Centro Ecumênico de Documentação e Informação

**AVENTURA**

**- CEDI -**

Sucursal/SP - Av. Higienópolis, 983 - 01238

# Cara a cara com o misterioso Jari

O que se pôde ver no projeto que Andreazza aprovou

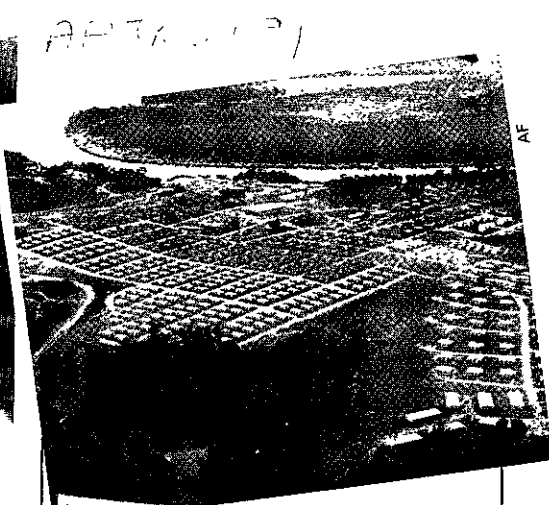
Moacir Japiassu

O comandante Leitão estacionou o seu Beechcraft (aviãozinho bimotor, da Sudam) ao lado do Hironelle do Projeto Jari, e um repórter não resistiu: "É esse aí que leva o ouro". Estávamos chegando a Monte Dourado, "capital" do Jari, na manhã de terça-feira, dia 10, num comboio aéreo que acompanhou o ministro Mário Andreazza, do Interior, na visita de 28 horas à região mais polêmica e misteriosa do país. E, depois do longo passeio, das entrevistas, confidências, das profissões de fé cheias de patriotismo dos brasileiros que trabalham no projeto, ainda procurávamos o ouro. Ou, quem sabe, urânio? Há quem aposte que se trata de bauxita, outros garantem ter sentido no ar um forte cheiro de manganês, mineral absolutamente inodoro. Fama ruim é difícil de acabar. É como a história daquele juiz de futebol que resolveu apitar na boca do túnel, porque os times demoravam a entrar em campo, e ouviu a voz soturna que saiu das profundezas: "Já começou a roubar, hein, ladrão?"

Mas pelo menos o ministro Andreazza (e isso, convenhamos, é o que importa) deixou o Jari com os olhos arregalados de admiração. Sua excelência está definitivamente cooptado e, ao declarar que não viu sinais de

ameaça à segurança nacional, concedeu ao projeto o aval do governo, na presença de dezessete jornalistas de todo o país — o maior grupo de repórteres que o projeto já recebeu desde que despertou as primeiras desconfianças e as inevitáveis fantasias. Na quarta-feira o próprio Andreazza presidiu, em Belém, a instalação de uma comissão integrada pelo Ministério do Interior e os governos do Pará e do Território do Amapá, cuja missão é elaborar proposta através da qual o poder público se instalará na região. "Isso aqui é nosso, vamos assumir", disse o ministro, lamentando "os muitos anos de omissão". Mas há dez anos, quando ele era ministro dos Transportes, o Jari era mesmo um simples projeto, só atraía a atenção de uns curiosos. Agora, não, é uma potência em seus 16 mil quilômetros quadrados, mais 24 mil esperando legitimação de posse. Tudo somado dá quase duas vezes a área do Estado de Sergipe.

**Serragem nas veias.** Um mundo, o Jari. Andreazza ficou deslumbrado com o que lhe mostraram, logo que chegamos a Munguba, no centro de treinamento da fábrica de celulose, aquela que veio flutuando do Japão até aqui. E, quando os técnicos começaram a falar sobre o projeto, diante do mapa do Estado do Pará, o silêncio foi tão grande que ouvíamos o pessoal engolindo em seco. Sua excelência prestava uma atenção danada, ao lado do coronel Rubem Ludwig, secretário-executivo do Conselho de Segu-



Monte Dourado (no alto) cresce no ritmo em que a fábrica de celulose aumenta a sua produção. Acima, a gmelina: o milagre do Jari

rança Nacional; do governador do Pará, Alacid Nunes; comandante Aníbal Barcellos, governador do Amapá; e Elias Sefer, superintendente da Sudam. Até o inquieto Antônio Amaral, deputado federal pela Arena do Pará, deixou por alguns instantes o péssimo hábito de exumar anedotas. O engenheiro Luís Antônio de Oliveira, diretor-executivo adjunto, preparou o terreno com uma aula completa sobre as excelências do projeto, mas o momento de maior emoção foi quando falou o gerente de produção da fábrica, o dr. Almeida Neto. "Vocês ficarão entusiasmados", disse ele à platéia. Contou passagens da própria vida por este mundo de Deus e concluiu com uma sensacional frase de efeito: "Tenho serragem nas veias".

Mesmo quem não tem serragem nas veias fica impressionado — é como quem vê o mar pela primeira vez. Mas há um clima de mistério por ali, a começar pela figura do chefe, Daniel Ludwig, discretíssimo bilionário (fortuna pessoal estimada em 4 bilhões de dólares) norte-americano de 82 anos. Não dá entrevistas, tem horror a fotografos, vive escondido em alguma parte do mundo. Viaja sozinho e dizem que traz o dinheiro em cima da perna, embrulhado num pedaço do *New York Times*. Já trouxe 450 milhões de dólares, dos 750 milhões consumidos nesta primeira parte do projeto (o resto é da Ishikawajima); a segunda parte consumirá mais de 750 milhões de dólares, até 1986. São dados repetidos de Monte Dourado às plantações de arroz de São Raimundo, das "silvivilas" à ilha de Comandá, onde cresce a criação de búfalos e gado nelore. O dr. Almeida, mesmo enfurnado em sua fábrica, conhece tudo isso, mas nada ouviu da boca do chefe Ludwig. Aliás, em dois anos de Jari, o dr. Al-

meida não trocou um mísero alô com o bilionário: conhece-o de vista, o que aumenta o mistério em torno do homem e de suas intenções.

Estaria Ludwig interessado em ganhar mais dinheiro vendendo arroz ou celulose? A fábrica gerida pelo dr. Almeida anda produzindo 750 toneladas de celulose por dia, e cada tonelada custa 400 dólares. Das minas de caulim saem 220 mil toneladas por ano, e cada tonelada vale 70 dólares no mercado internacional.

Em São Raimundo, 3.200 hectares de plantação rendem 9 mil toneladas de arroz em duas safras anuais. Por enquanto, os búfalos são 7 mil e há 6 mil cabeças de gado nelore e charolês pastando em Comandá. Quarenta mil galinhas que serão 400 mil até o fim deste ano, promessa de Luís Antônio de Oliveira, um diretor-executivo adjunto que conversa de vez em quando com Ludwig. Nas "silvivilas" de São Miguel, Planalto e Bananal fazem-se profundas experiências com horticultura.

**Uma imensidão.** Tudo é imenso nesses domínios de Daniel Ludwig, e compreende-se a generalização quando se passa uma noite a bordo do Augusto Montenegro, velha e atrevida banheira que há 25 anos percorre a Amazônia. Estava atracado no cais de Munguba, ao lado da fábrica de celulose, e serviu de hotel para o pernoite do ministro Andreazza e sua comitiva. Nem bem se acenderam as luzes e a primeira barata cruzou o convés e em vôo rasante em direção aos camarotes reservados à imprensa; lustrosas, asas de bela tonalidade sépia, perfeita simetria no serrilhado das patas, humilharam profundamente os mosquitos que desde o cair da tarde ocupavam o Augusto Montenegro. O veterano fotógrafo Alberto França, do *Jornal do Brasil*, português

da Ilha da Madeira, considerou aquela uma "noute douda". Doudíssima. Fazia realmente um calor de derreter os untos, e a gente rezava para o vento não soprar, porque a mínima brisa trazia o cheiro da fábrica de celulose.

Quem enfrentou o calor e se encafuou no camarote para quatro marujos perdeu-se em conjecturas acerca do mal que pode fazer, à noite, um maldigerido jantar de frango com arroz à grega, depois de um almoço de vatapá carregado na pimenta. É indescrevível. Nos ouvidos, o ronco dos que se deixaram vencer pela exaustão e o barulho da fábrica processando suas toneladas. Quando o ouvido acostumava um pouco, vinham dos lados do Território do Amapá, em terras do município de Mazagão, às margens do Jari, um e outro pedaço de baião ou xaxado, o som do Beiradão, que, ao contrário do que se pode pensar, não é mais um estádio de futebol para rimar com Mineirão, Pelezão etc.

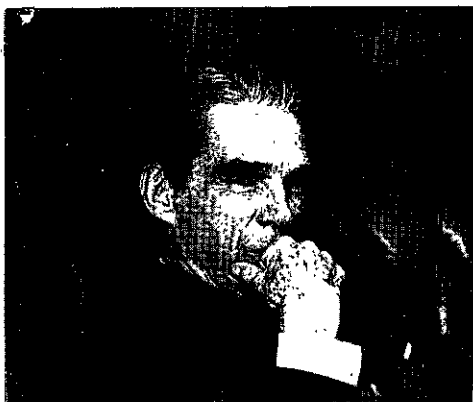
No Beiradão o jogo é mais pesado. Trata-se de um miserável conjunto de palafitas, de 1 quilômetro de extensão por 800 metros de fundo. Quase 2 mil casebres onde se amontoam 6.823 pessoas. Um vendendo, outras se vendendo, e o pessoal mais solitário do Projeto Jari comprando.

Para ir até lá é preciso pegar a caçaria na beira-rio, por 10 cruzeiros. É um barco de alumínio, com motor de popa, e em segundos a gente está no Beiradão, para o que der e vier. Há um comércio variado: roupas, calçados, bugigangas; à noite, o comércio fica mais animado nas "ruas" estreitas e esburacadas sobre o rio. Por 300 cruzeiros é possível alugar mulher por uns instantes; a garrafinha da Cerpa Chope custa 25 cruzeiros e uma refeição completa, com arroz, feijão, salada e carne, mais o direito de abusar

Moacir Japiassu



O Beiradão, onde o pessoal se diverte. No mapa, as terras do Jari: todas juntas vão ter o dobro da área de Sergipe



Ludwig: o que quer na Amazônia?

da pimenta no tucupi, não sai por menos de 80. Um operário da Jari ganha, em média, 6.500 cruzeiros por mês, e uma passadinha no Beiradão é uma violência. Mas não há outro jeito para quem vive só naquele fim de mundo, como Claudionor Pereira dos Santos, 37 anos, baiano de Vitória da Conquista, há dois anos motorista da empresa.

Claudionor ganha entre 8 e 9 mil cruzeiros mensais, com algumas horas extras; é casado, tem dois filhos, mas a mulher está em Porto Velho, não quer enfrentar a vida naquela lonjura. Nesses dois anos visitou a família duas vezes, a Jari lhe deu passagem até Santarém. O resto foi uma viagem de matar, rio acima. Agora ele esquece a solidão nos botecos desta Vila Laranjal do Jari que o povo chama de Beiradão.

**A vida, a solidão.** O perigo está na volta, quando a cabeça balança mais do que a catraia e a escuridão da madrugada não deixa o barqueiro acudir. A queda nas águas do Jari mata um boêmio por mês, está nas estatísticas. Surpreende que aquela vida solitária nos alojamentos da empresa, onde cinema é coisa rara e televisão um sonho distante, não acabe sempre na ponta de uma faca. São pouquíssimos os assassinatos, quatro por ano, e ninguém lembra do último desesperado que ateou fogo às vestes. É uma comunidade razoavelmente pacífica e a chamada "síndrome do Jari" se resume a uma loucura mansa e contemplativa. É quando, longe até do Beiradão, o trabalhador cai de produção, curva os ombros ao peso do banzo, não tira mais o *short* imundo, enfia uma meia de mulher na cabeça e sai a vagar pela imensidão, tentando puxar conversa com a gmelina mais próxima.

Gmelina é aquela árvore que o presidente Geisel cultivava na granja do Riacho Fundo, exemplar de coleção apresentado por Daniel Ludwig. Ninguém que visitasse o Riacho deixava de ser apresentado àquele arbusto mi-

lagroso que encerrava nas folhinhas em forma de coração o futuro do Brasil. A gmelina de sua excelência engordou o folclore de Brasília, mas quem já esteve no Jari compreende aquela admiração. A gmelina (pronuncia-se melina; o *g* é mudo) veio da Índia em 1968 e adaptou-se à região do Jari como uma maçaranduba qualquer. Era preciso reflorestar, e deram ao Pinus Caribaeum a companhia da Gmelina Arbórea, de crescimento rapidíssimo, que pode chegar aos 10 metros em apenas dois anos; aos três é cortada para alimentar a voracidade de uma fábrica de celulose que consome cerca de 18 mil árvores por dia. Mas há 100 mil hectares plantados, 1/3 com pinus, 2/3 com gmelina. Pinus é melhor para a fábrica, é árvore de tronco mais reto, embora carregue a fama de contribuir para o desequilíbrio ecológico. Não há passarinho que faça ninho em seus galhos, o que, para uma árvore, é, no mínimo, uma desmoralização.

Já a gmelina, não. E foi semiparalisado pela emoção geiseliana que defrontei pela primeira vez com esse novo milagre brasileiro, num furtivo encontro bem atrás do hangar do aeroporto de Monte Dourado. É um arbusto encantador, quando jovem, de femininas curvas e galhos delicadíssimos, folhinhas de um verde claro e brilhante e a maciez de uma pele tratada a loções. Árvore perturbadora.

**A onça e o macaco.** A gmelina, contudo, não desperta apenas emoções e, além da riqueza da polpa, produz um fruto que anda fazendo a alegria de pacas, cutias e veados do Jari. Estuda-se atualmente o emprego de sua casca como alimento para o gado. Há duas vacas escolhidas especialmente para o teste que têm devorado a casca triturada da gmelina como se fosse capim-gordura e ganham peso a cada dia. Lamenta-se apenas que a iguaria não faça a alegria das onças, para que os macacos da região aumentem a sobrevida. No Jari tem uma onça tratada a carne de macaco, e os vizinhos mais sensíveis reclamam desse luxo. O bicho pertence ao supervisor de engenharia do projeto e afilhado de Daniel Ludwig (que não tem filhos), Bob Gilvary, cujo maior divertimento, dizem, é ver a onça estraçalhar o macaco vivo.

Segundo testemunhas, Bob, que está há oito anos aqui, costuma pegar os macacos na armadilha e prefere os de uma espécie singular, cuja característica mais "humana" é chorar como uma criança quando o perigo se aproxima. Bob joga a criatura dentro da jaula, e os gritos de um bebê são ouvidos em toda a vizinhança, como se ele morresse aos poucos durante

uma experiência em Auschwitz ou Sobibor.

Não há som que venha da floresta capaz de abafar esse alarido, mas o barulho das máquinas irá, aos poucos, fazer esse serviço. Principalmente depois que a enorme serraria estiver funcionando, em agosto, cortando 5 mil metros cúbicos de madeira por mês, no início da produção. Os homens do Jari estão de olho na exportação, mas ali não existe a nobreza do mogno; há um pouco de cedro e muita maçaranduba, angelim, piquiá, virola, que o mercado internacional

Moacir Japlassu



Claudionor: sozinho há dois anos

consumirá na indústria de construções, principalmente. É mais lucro para Daniel Ludwig, lucro que será triplicado com a expansão do projeto. Mas isso depende da construção da hidrelétrica acima do rio Iratapuru, perto da cachoeira de Santo Antônio, a 65 quilômetros de Monte Dourado. Serão 180 megawatts, que representam apenas um terço de uma turbina de Itaipu, mas suficientes para mover uma fantástica fábrica de papel de imprensa, capaz de produzir 1.500 toneladas por dia. O consumo atual do Brasil é de 300 mil toneladas. Ludwig não deixa por menos, mas faça o que quiser, que a gente vai continuar na pista do ouro, do manganês, do...